III ENECULT
TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CULTURA E SOCIEDADE NO ANTIGO CENTRO DE SALVADOR: mapeamento de referências culturais.

Carlota de Sousa Gottschall[1]

Mariely Cabral de Santana[2]

RESUMO

Nas últimas décadas do século XX, o Antigo Centro de Salvador, especificamente o Pelourinho, foi transformado em lugar de consumo, lazer e comércio, pautado no conceito de *shopping a céu aberto*. Esta época foi marcada por altos investimentos por parte do Estado, retirada de moradores, movimentação musical e apelo de marketing. Passada quase duas décadas do início deste processo, o mapeamento das referências culturais, nessa área se constata que o Antigo Centro de Salvador, ainda resguarda uma diversidade cultural que se apóia na preservação de tradições e na inserção de novas tecnologias, reafirmando o caráter criativo que sempre caracterizou esta área da cidade, além de continuar sendo um lugar de convergência e visibilidade para produção cultural das novas gerações soteropolitanas.

PALAVRAS-CHAVE

Referências culturais; cultura; antigo centro; sociedade.

A discussão que será apresentada neste artigo decorreu de um estudo realizado entre 2005-06 por uma equipe de pesquisadores da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI e do Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia – CEAB, órgão da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, o qual combinou o método de investigação qualitativa e quantitativa com o objetivo de

[1] Economista, mestra em Comunicação e Cultura e coordenadora de pesquisa na Secretaria de Cultura do estado da Bahia. Carlota.gottschall@cultura.ba.gov.br

[2] Arquiteta, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFBA. mcs@ufba.br

aprofundar os principais aspectos que caracterizam o Antigo Centro de Salvador na atualidade. O resultado deste estudo está disponível na publicação Centro da Cultura de Salvador.

As questões teóricas referentes ao relacionamento entre cultura, sociedade e espaço urbano emergiram no Brasil na década de 1980, quando de atividade espontânea que buscava o original como parte do cotidiano, assim definindo lugares nas cidades, a cultura passou a ser valorizada como mercadoria simbólica, capaz de agregar valor e difundir costumes e práticas. Circunstância que, muitas vezes, torna o homem um elemento passivo desta mesma cultura, ainda que responsável pela produção de uma nova atividade, diferenciada, com ocupações especializadas que geram novos espaços e/ou novas formas de uso deste espaço, caso recente das reformas dos centros históricos no Brasil.

Na contemporaneidade a cultura ocupa a condição de produção e reprodução da sociedade passando a atender às necessidades de auto-afirmação, nacionalidade e identidade dos citadinos. Nesse sentido, se posta em constante mutação, sendo recriada e reutilizada, além de permitir ricas interpretações. Assim, se pode entender a cultura como um processo através do qual os homens para atuarem em sociedade, estão constantemente produzindo e utilizando bens culturais, desta forma, organizando a vida de maneira coletiva.

Já quando se analisa a cultura pelo aspecto da significação, ou seja, por meio das formas de representações simbólicas, não mais faz sentido separar a produção material de sua representação simbólica, não-palpável, e se constata que esses bens estão imbuídos de uma simbologia histórica, artística, mística, religiosa, política, social, econômica.

Sob esta ótica, modificações no suporte físico das cidades afetam as manifestações culturais e a relação do homem com seu meio de produção. Observa-se que as intervenções processadas nos antigos centros brasileiros não alteram apenas o suporte físico das cidades, mas principalmente promoveram alterações nas manifestações das culturas populares, em alguns casos chegando a transformá-las alegoricamente em espetáculo.

A área central da cidade Salvador por quase duas décadas pôde ser apontada como um exemplo deste tipo de intervenção. Iniciada nos anos 1990, as ações de reforma visavam a execução de projetos e aplicação de recursos financeiros pelo governo estadual com o intuito de modernizar a infra-estrutura, reformar os edifícios e

limpar as fachadas dos velhos casarios. Para tanto, optou-se pela retirada dos então moradores, quase sempre indivíduos de baixa estratificação social, com o propósito de atender um novo direcionamento para a área – torná-la um espaço comercial voltado ao desenvolvimento da atividade turística, capaz de atrair investimentos sofisticados e, conseqüentemente, um novo perfil de público. Assim, vimos o Pelourinho, lugar secular da cidade, ser transformado em um lugar de consumo, de lazer e de comércio.

Pautado pelo conceito de *shopping a céu aberto* e pelos incentivos governamentais, se instalou no Pelourinho, na primeira metade dos anos 1990, um grande número de lojas, restaurantes, bares e ateliês. Estratégia logo superada pela descontinuidade de consumidores e elevada concorrência entre os empreendimentos. Ainda tentando manter a perspectiva de lugar de consumo, o governo estadual através da Secretaria de Cultura e Turismo, implantou o projeto *Pelourinho Dia & Noite*, que buscava patrocinar eventos festivos e programação musical constante. Alternativa que apesar de cumprir o propósito de animação e espetacularização das referências culturais locais , também não conseguiu atingir o propósito de atrair um público consumidor que promovesse a sustentabilidade econômica dos empreendimentos e do espaço.

Simultaneamente a este processo de intervenção institucional, o Pelourinho abrigou outros movimentos sociais espontâneos, se tornou referência para o movimento étnico brasileiro, sendo assim reconhecido como espaço afro-baiano privilegiado; serviu de palco para o exercício de diversos tipos de práticas culturais, principalmente a música, em um momento em que a produção local ganhou visibilidade midiática; e abrigou importantes projetos de arte-educação ligados ao terceiro setor. Portanto, no final do século XX, interligado pelas referências culturais, o antigo centro de Salvador serviu de espaço para confluência de diversas ações conectadas ao movimento global – indústria cultural, espetacularização das cidades, luta racial, simulacro cultural, dentre outros.

Desta maneira, passada quase duas décadas do início deste processo, se verifica que o Antigo Centro de Salvador, ainda resguarda uma diversidade cultural que se apóia na preservação de tradições e na inserção de novas tecnologias, reafirmando o caráter criativo que sempre caracterizou esta área da cidade. Além de continuar sendo um lugar de convergência e visibilidade para produção cultural das novas gerações soteropolitanas.

Esta avaliação decorreu de um criterioso levantamento das principais referências culturais existentes hoje no Antigo Centro, considerando como base as experiências

internacionais de estudos em cultura e o entendimento do conceito de patrimônio cultural e categorias de registro do patrimônio imaterial, regulamentadas pelo Decreto n. 3.551, de agosto de 2000, do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura do Brasil. Informações que foram consolidadas no Catálogo das Referências Culturais, que agrupou algumas das mais importantes peças do patrimônio cultural do Centro Histórico de Salvador e que estão disponíveis na publicação Centro da Cultura de Salvador.

A organização deste Catálogo seguiu as seguintes categorias de analise: o conhecimento e os modos de fazer enraizado no cotidiano das comunidades serviram como parâmetro para a seleção dos ***Saberes;*** as ***Celebrações*** foram identificadas seguindo os rituais, festas, marca de vivência coletiva do trabalho, religiosidade e entretenimento; as ***Formas de Expressão*** foram definidas segundo as singularidades da cultura local; e os ***Lugares*** correspondem aos espaços onde ocorre convergência de pessoas e se reproduzem práticas coletivas.

As Celebrações que ocorrem no Centro Histórico de Salvador podem ser subdividi-la em três segmentos: os Ritos Religiosos – na sua grande maioria de referências católicas, as Festas Populares e Cívicas e os Eventos Institucionais. Estes últimos, promovidos essencialmente, pelo poder público estadual, representado pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia ou pelo poder municipal, representado pela Fundação Gregório de Mattos ou pela Empresa de Turismo de Salvador - EMTURSA.

No item Ritos Religiosos estão incluídos procissões, missas e festas religiosas, que se diferenciam na forma como são cultuadas e no modo de envolvimento dos participantes. Enquanto nas missas e procissões o ritual litúrgico é celebrado de maneira tradicional e solene, nas festas religiosas, apesar de diretamente vinculadas aos ritos católicos, acontecem no espaço aberto, em ruas e largos próximos às igrejas, passando a serem denominadas de Festas de Largo. A informalidade e a diversão são as marcas dessas celebrações que associam o sagrado e o profano contagiando devotos, curiosos e turistas.

Para que ocorram as Festas Populares, sendo estas religiosas ou cívicas, o espaço público é re-configurado em um novo cenário. São confeccionados ornamentos – específicos de cada festejo –, tem-se a presença de barracas destinadas ao comércio de comida e bebida, a participação de diferentes classes sociais e pessoas de diferentes religiões e, principalmente, a interferência da música e da dança que singularizam estes

rituais.

Em uma cidade com forte tradição católica, as festas são organizadas segundo o calendário litúrgico cristão. O principal ciclo de festa se inicia em dezembro, mês de nascimento de Jesus, e se estende por todo o verão encerrando no carnaval. Período em que a capital recebe o maior fluxo de turistas. Os ritos interrompidos durante a quaresma, voltam a se intensificar durante a Semana Santa e o período das festas juninas.

A única festa cívica que acontece no Centro Histórico de Salvador é a comemoração ao 2 de Julho – festa de origem e tradição baiana, que comemora a Independência do Brasil na Bahia. Já os eventos patrocinados pelo Projeto Pelourinho Dia & Noite buscavam preencher os vazios que ocorrem entre as celebrações religiosas, tornando o Centro Histórico palco de espetáculos como a Festa da Primavera, o dia do Samba, o dia da Baiana, São João no Pelô, Natal, dentre outros.

Dentre estas Celebrações destacam-se as festas de Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição da Praia, Santa Luzia, Santo Antônio de Categeró, Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Benção em louvor a Santo Antônio, Celebrações da Semana Santa, São Benedito, São Francisco Xavier, Nossa Senhora do Carmo, Divino Espírito Santo, Procissão de Corpus Christi, além dos ritos do Carnaval e do Dois de Julho e a Terça da Benção.

O Centro Histórico de Salvador enquanto um lugar de confluência e influência é um território que registra fatos e abriga personalidades da cultura soteropolitana e de seus visitantes. As suas ladeiras e ruelas foram e continuam sendo espaços que propiciam a criação de Saberes e a disseminação de Fazeres, os quais fortalecem laços familiares, tradições locais, mas também ampliam contatos com outras culturas, nacionais ou estrangeiros. Sempre foi assim e, certamente, continuará sendo.

A diversidade que marca a produção cultural no Centro Histórico, sobretudo, no Pelourinho, Carmo e Santo Antonio, posto que no sentido sul, entre a Rua da Misericórdia e largo do São Bento, as atividades empresariais e administrativas aí plantadas, desde a primeira metade do século XX, deram outro destino a essas sub-regiões, permite que diversos Saberes sejam preservados pelas Personalidades que expõe a verve criadora e a multiplicidade de produção existente nos diversos ofícios, que enquanto conseqüência dos Saberes resgata elementos da tradição, incorporam novas tecnologias e novos materiais e propõe outros usos.

Desta forma, os Saberes foram agrupados selecionando-se os atores sociais

reconhecidos por seu conhecimento ou capacidade de liderança no grupo social ou na comunidade, segundo personalidades e personagens. Nesta região, certos tipos de ofícios populares ainda seguem a tradição familiar, são passados de pai para filho. Outros, mais relacionados à cultura recente, são transmitidos através de ensino regular. As Organizações Não-Governamentais que trabalham com arte-educação têm tido um papel fundamental no processo de continuidade e inovação nos modos de Saber e de Fazer da cultura do Centro Histórico.

Na categoria líderes social e comunitário foram destacados o monge beneditino Dom Timóteo Amoroso, Clarindo Silva, Jesilda Mello (presidente da Associação dos Moradores e Amigos do Centro Histórico), Maria Divina Rodrigues de Oliveira (a Mãe Preta), e Alzira do Conforto. As Personalidades se referem aos indivíduos que por sua produção ou atuação contribuíram ou contribuem para a singularidade e preservação da cultura local destacando-se pela produção musical João Jorge (diretor do grupo Olodum), Neguinho do Samba (criados da batida do samba-raggae), Gerônimo e Batatinha, Justino Marinho e Murilo pelo relevo nas artes plásticas. Eliza do Carneiro, a Mulher de Roxo e o Guarda Sergipe são personagens que fazem parte da estória oral do Centro Histórico de Salvador.

Já quanto aos Fazeres, estes foram subdivididos em Ofícios e em Mestres Populares. Os Ofícios aqui evidenciados decorrem da tradição e criatividade existentes no local, destacando-se os trabalhos das trançadeiras, a oficina de Criação e produção de instrumentos musicais – OIMBA, o trabalho da Moda Axé, o Cravinho e as oficinas de criação teatral e de percussão. Os Mestres Populares selecionados, em geral, são reconhecidos como transmissores de conhecimentos e sabedorias. Ainda hoje, é comum se ouvir, no Centro Histórico, a reverência de "mestre" para alguns artistas, a exemplo do Mestre Pastinha, Mestre Bimba, Mestre Curió, Mestre João Pequeno de Pastinha e Mestre Di Mola. Nesta região encontram-se ainda mestres e artesãos da área de música como Bira Reis, Paraiba da Viola, Mestre Prego. Na culinária, o destaque ficou para Alaíde do Feijão, conhecedora da cultura ancestral africana.

Por ser um lugar de passagem e tradição, as diversas *Formas de Expressão* são resguardas cultivadas, criadas e renovadas, traduzidas nas dança, música, história oral, tradições religiosas, artes cênicas e visuais. Esse território secular testemunhou e também serviu de cenário para mudanças sociais e culturais em diversos momentos da história baiana, espelhadas nas *Formas de Expressão* de seus atores sociais. Este espaço serviu de cenário a diversos movimentos culturais: o barroco, o modernismo baiano, a

musicalidade dos malandros, dos românticos e dos grupos culturais étnicos.

Na era de consumo global foi através da música enquanto Forma de Expressão que o Centro Histórico, na síntese do Pelourinho, alçou vôo e manteve-se conectado com outras partes do mundo. É pela música, pela dança, pelas cores, por sua singularidade, que hoje as comunidades populares residentes no CHS ou que para lá confluem, se conectam em um movimento de mão dupla com o fluxo criativo internacional. Assim, os meninos que estudam no Liceu de Artes e Ofícios puderam em 2006 dançar com os bailarinos do *Cirque du Soleil* em uma aula experimental em Salvador. Nas últimas décadas do século XX, mais do que nunca, as Formas de Expressão dos afros-descendentes se amoldaram e se transformaram no Centro Histórico. Movimentos que levaram as mudanças no visual, na inserção e na localização desse contingente majoritário da população de Salvador.

As *Formas de Expressão* existentes no Centro Histórico, reconhecidas pela comunidade soteropolitana e referência para além de seus limites, incluem, necessariamente, as *Linguagens* relacionadas à cultura afro-descendente, a exemplo da Batida do Olodum, do Reggae, da dança afro, do afoxé, do toque de Ijexá e da capoeira. Mas recentemente, a Arte de Rua tem assumido lugar de destaque nesta região como forma de expressão espontânea.

Na categoria de lugares de referência cultural foram selecionados espaços que apresentam características que se diferenciam ou se diferenciaram no Centro Histórico de Salvador por acolherem práticas culturais singulares da população. Estes locais são identificados como lugares de memória, pois guardam momentos da vida social, religiosa, política e cultural da população.

Até meados dos anos de 1950, no Centro Histórico estavam localizados os principais equipamentos urbanos da cidade – instituições de ensino, equipamentos culturais, casa dos poderes legislativo e executivo. Acolhia também de diferentes lugares de convívios e comercio – fosse na Rua Chile ou no Beco do Amor. No *fotting* do fim da tarde, moças e rapazes circulavam pelas lojas Slopper, Duas Américas e Sorveteria Cubana. No Café das Meninas e na Civilização Brasileira poderiam ser encontrados intelectuais e artistas, que ali conversavam e começavam a noite boêmia. Muitos desses lugares deixaram de existir em decorrência de um processo que se intitulou degradação do Antigo Centro.

Desde os anos 1990, a reforma do Centro teve e ainda tem o inquestionável mérito de recuperar a maior parte dos prédios que hoje abrigam organizações de

movimentos sociais, ateliês, equipamentos de lazer e de turismo, equipamentos de culturais e de educação, centros comerciais, dentre outros. Aí também estão localizados alguns dos mais importantes museus, solares e igrejas existentes em Salvador. Mais recentemente, o projeto Monumenta, ligado ao Ministério da Cultura, está inaugurando a linha de recuperação dos imóveis para fins residências na região do Pelourinho-Sé. De toda a sorte, é nesta região que estão localizados o maior número de equipamentos culturais tradicionais disponíveis ao público em Salvador.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Performance e Patrimônio Intangível: os mestres da arte. In: TEIXEIRA, João Gabriel L.C. et al (org). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ICS-UnB, 2004.

ARANTES, Antônio Augusto.(Org.). **O espaço da indiferença**. Campinas/SP: Papirus, 2000.

ARANTES, Otilia. **Urbanismo em fim de linha**; e outros estudos sobre o colapso da modernizaçÃo arquitetônica. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 143-188.

BAHIA. Secretária da Indústria, Comércio e Turismo. IPAC – BA: *Inventário de proteção do acervo cultural da Bahia*, monumentos do município do Salvador. 2 ed. Salvador: [s . n] , 1984. VL.1

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura de rua**. Campinas/SP: Papirus, 1989.

FACOM-UFBA. *Arte & cultura*. Disponível em: www.facom.ufba.br. Acesso em: 17.03.2006

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservaçÃo no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Inventário nacional de referências culturais*. Brasília: Departamento de Identificação e Documentação do Iphan, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas/SP: UNICAMP, 1994.
MIGUEZ, Paulo. "Yes, Nós Temos (Chiclete) Com Banana". *Bahia Análise & Dados*. Salvador: SEI, v. 5, n. 4, p.75-84, 1996.

MINISTÉRIO DA CULTURA/IPHAN/FUNART. **O registro do patrimônio imaterial:**dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho do patrimônio imaterial. Brasília: Departamento de IdentificaçÃo e Documentação, 2000.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RODRIGUES, João Jorge. O Olodum e o Pelourinho. In: GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras (org.) *Pelo Pelô*: historia, cultura e cidade. Salvador: Edufba, Faculdade de Arquitetura, 1995.

SERRA, Ordep. *Rumores de Festa*: o Sagrado e o Profano na Bahia. Salvador: Edufba, 2000.